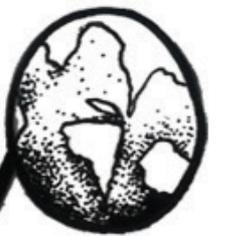




# Relev



PARANÁ - ABR./2016 - ED. VIII - ANO VI

4 JÚLIA C.  
HANSEN

10 RICO

14 VINICIUS A.  
DO AMARAL

9 VICTOR HUGO  
TUREZO

11 ANA  
RÜSCHE

15 MARÍLIA  
GARCIA

16 LILIAN  
AQUINO

19 JACQUES  
FUX

18 JOANA L.  
HIME

24 EDISON  
VEIGA

17 MARCELO  
WILINSKI

22 VICTORIA B.  
MIRANDA

# Editorial

Pequena lista de justificativas para produzir um impresso mensal de literatura que não dá lucro (ou pouco) e ainda faz perder amigos:

1. Integração (um tanto ilusória) a uma certa comunidade cultural que publica, divulga financia e lê o material produzido em seu próprio circuito;
2. Criação de uma certa identidade contrária a respeitar chefes, anunciantes, escritores, editores, vernissages e ideologias. Ninguém é inzoável. Os assinantes, não, os assinantes nós respeitamos muito, contanto que não queiram pressionar nossa linha editorial por interesses menores;
3. Não dar lucro como promessa de outros prazeres, já que somos obrigados (equipe envolvida) a viver de outras coisas, a desrespeitar o próprio jornal, a ridicularizar contemporâneos em páginas centrais e a buscar divertimento nos processos de feitura;
4. Transar;
5. Não precisar preencher planilhas;
6. Não precisar fazer reuniões;
7. Não respeitar ideologias, novamente;
8. Entregar jornal na madrugada aos (poucos) amigos que bebem e perturbam a ordem;
9. Receber boas cartas dos leitores pelas mais diferentes motivações. Receber cartas que falam mal dos textos publicados e repassar imediatamente aos autores;
10. Beber com os integrantes do jornal depois que a edição fica pronta;
11. Desconfiar de quem se julga contemporâneo;
12. Não há maiores justificativas, de fato.

## expediente

Fundado em setembro de 2010.

**Editor** Daniel Zanella

**Editor-Assistente** Ricardo Pozzo

**Ombudsman** Ben-Hur Demeneck

**Revisão** Sim

**Projeto Gráfico** Também

**Impressão** Gráfica Exceuni

**Tiragem** 3500

Edição finalizada em 4/4/2016.

## errata

Adiantamos que a justificativa n. 6 do Editorial desse mês é uma mentira, pois é preciso fazer reuniões, sim (explica-se por que, inclusive, na justificativa n. 10).

## ilustrações

Todas as ilustrações dessa edição são de Luiz Otávio Prendin Costa.

<[facebook.com/luizotavioprendin](https://facebook.com/luizotavioprendin)>

quer ilustrar para o **Relevo**? escreva para [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)

## interwebs

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

 /jornalrelevo

@ jornalrelevo@gmail.com

## Enclave, a newsletter

Enclave é a nossa newsletter quinzenal editada por Mateus Ribeyre, o atleta menos enganado pela linha de impedimento. Em linhas gerais, é uma turnê de força por assuntos ocasionais do meio cultural, com apelo ao hipertexto: em um clique você pode ir de Jota Questa aka Maroon 5 a guerras nucleares (não temos certeza disso).

Para assiná-la, basta acessar:

<http://jornalrelevo.tumblr.com>

## prestação de contas mar/15

### ANUNCIANTES

**R\$ 50** Loteria Avenida; Avon; Ehlkefarma; Fisk; Joaquim; Torto Bar; Toda Letra; Obscenidade Digital; **R\$ 100** Editora Penalux; **R\$ 120** Escola de Escrita (total R\$ 620).

### ASSINANTES

**R\$ 50** Munique Duarte; Daniel Babalin; Alexandre Mussiat; Alanna Ajzentel; Guilherme Bucco; Matheus Lara; Adriana Aleixo; Thiago Lisarte; Jeferson Torres; Otto Winck; Giovanni Kurz; Rodrigo Madeira; Alisson Moraes; Dagmar Spring; Andreia Porto; Stefano Calgaro **R\$ 100** Alexandre Guarnieri; Consolação Buzelin; Cel Bentin; Paulo Bearzoti Filho (total R\$ 1.200).

### CUSTOS

Assinaturas: R\$ 350  
Distribuição: R\$ 150  
Papeleria: R\$ 100  
Impressão: R\$ 1.050

Receita total: R\$ 1.820  
Custo total: R\$ 1.650

**Balanço: R\$ 170**

## Assine

O **RelevO** nunca foi reconhecido por ser bom na arte de fazer negócios. Por isso, nós dependemos tanto do apoio dos assinantes.

O que fazem os assinantes? Por R\$ 50 ao ano, recebem os exemplares no conforto de suas humildes residências. E é bem simples: basta enviar um email dizendo: "Como faiz?". Nós damos as coordenadas e a mágica acontece.

## da Enclave #31:

LISTA: MELHORES LISTAS DA ENCLAVE, ANO 1

Livro de Cortázar com nome de posição sexual;  
Relações entre David Bowie e ficção científica;  
Belos chilikues nacionais;  
Ex-integrante do Steppenwolf ou \_\_\_\_\_?;  
Jogadores de futebol com nome de dramaturgo;  
Coisas e pessoas que confundimos;  
Disco do Iron Maiden ou livro de Nicholas Sparks?;  
Jogadores de futebol com nome de Pokémon;  
Peculiaridades de Arnold Schwarzenegger;  
Frase do Augusto Cury ou invenção nossa?;  
Melhores frases atribuídas a Bob Marley ao digitar 'frase Bob Marley' no Google Imagens;

## Cartas do Leitor

### TRETAS NAS CENTRAIS

**Sandra Andréia:** Acabo de receber o **RelevO** mar/16. Como é inesperado esse momento, imagino qual seria a forma mesma outra, surpreendendo-me ao recebê-la numa próxima edição antes que minha assinatura se encerre. **RelevO** edição em braile, penso eu. Ignorante dessa escrita, tanto quanto da linguagem de sinais, e do espaço para o lançamento (ré) das obras do "nazilíder"? – um encarceramento

da linguagem numa manifestação de crítica envergada ao abismo da decifração. É possível pela linguagem (o)cultar o cadáver... Voltando ao braile. Eu, de olhos fechados (receando cegueira, pelo falseamento do ato. Um pecado?), percorreria o **O** em relev\_. Talvez me viesse um sorriso ao pensar que, analfabeta, entendendo nada, a sensação tátil de seu **O** revelasse a circularidade e a abertura do (respeitável) periódico independente. Afinal, uma edição (de março também) sobre Mulheres da Geração Beat. Adequado encaixe. Aplausos! Não a recebi, mas fui em busca. E no sarau em que se leu, pondo-se em pé tão significativa edição, descubro que Memórias de uma beatnik foi leitura na adolescência. E não me contaram na escola que uma "beat" eram essas mulheres...PS: que alegria que jamais começo pelo meio a leitura para não seguir a manada. Pelo fim é sempre melhor. Na edição de março, em seu centro, ideo-estilisticamente, a merda da avaliação redundante um recalque estético. Quem terá atingido o "alvO"? Intrigas, fofocas, grampos?... Fedeu mesmo! E tapei o nariz. E desconsidere a perda de tempo de minha leitura. Esquecia-me, ao longo dela, do que se tratava. Era isto.

**Alexandre Vergueiro:** Vocês são muito confiantes em relação à boa literatura mesmo para se colocarem, assim, na condição de dizer o que é e o que não é boa literatura. Precisava mesmo da idiotice das páginas centrais de março?  
DA REDAÇÃO: *Ainda não sabemos, Alexandre.*

### BORUSSIA'S INCIDENT

**Wesley Bueno:** Li a discórdia do leitor Alessandro Tavares na edição de março, logo abaixo do meu comentário. Sim, falamos de gente que acha o futebol europeu o futebol de verdade. Ou vai dizer que bom é esse nosso futebol?

DA REDAÇÃO: *O Operário de Ponta Grossa caiu, Wesley. Não estamos em condições para responder seu questionamento.*

É PAU! É PEDRA!

**Jeverson Nascimento:** Excelente o **RelevO**. Só não entendo por que um

jornal como o **RelevO** precisa de um Ombudsman. Completamente insignificante e desnecessário. A página perdida com o Ombudsman seria melhor aproveitada com um poema ruim de duas linhas, por exemplo. Abraços.

**Marco Antonio Santos:** Gostei muito do texto do Ben-Hur Demeneck no **RelevO** de março. Me fez lembrar de como é importante ler gente mais inteligente para aprender a pensar melhor.

**Marcos Monteiro:** Jornalzinho top.

**Márcia Pflieger:** Todas as edições do **RelevO** são top!

### JOGA 10

**Mateus Senna:** AÊ. Fevereiro: melhor edição do **RelevO** do ano. Tem um texto meu na página 10, número que coincidentemente também me representa nas peladas.

**Lucas Gomes:** Não adianta nada usar a camisa 10 se o futebol é 5.

**Mateus Senna:** Antes de me criticar, conheça minha história

**Mateus Senna:** Antes de me criticar, tente fazer melhor

**Mateus Senna:** Quem critica, quer comprar

**Lucas Gomes:** Piá, para! Sabe que tô fazendo isso só pra aparecer nas cartas do **RelevO**. Não precisa humilhar.

DA REDAÇÃO: *Dislike.*

Ê, MINAS!

**Joseani Netto:** Com muita alegria irei presentear uma amiga que mora em Valparaíso (SP) com uma assinatura desse adorável jornal e o farei também na próxima terça, por motivos astrais. Agradeço a atenção e peço, por favor, não parem!!! Abraços com gostinho de pão de queijo e leiteinho tirado hoje cedinho da vaquinha Lisbela.

## próxima edição

Aborto Elétrico

Coletivo de Problematizadores

Jogo de Totó

Aninha

X

JÚLIA DE CARVALHO HANSEN

de alforria blues ou Poemas do  
Destino do Mar (Chão da Feira, 2013).

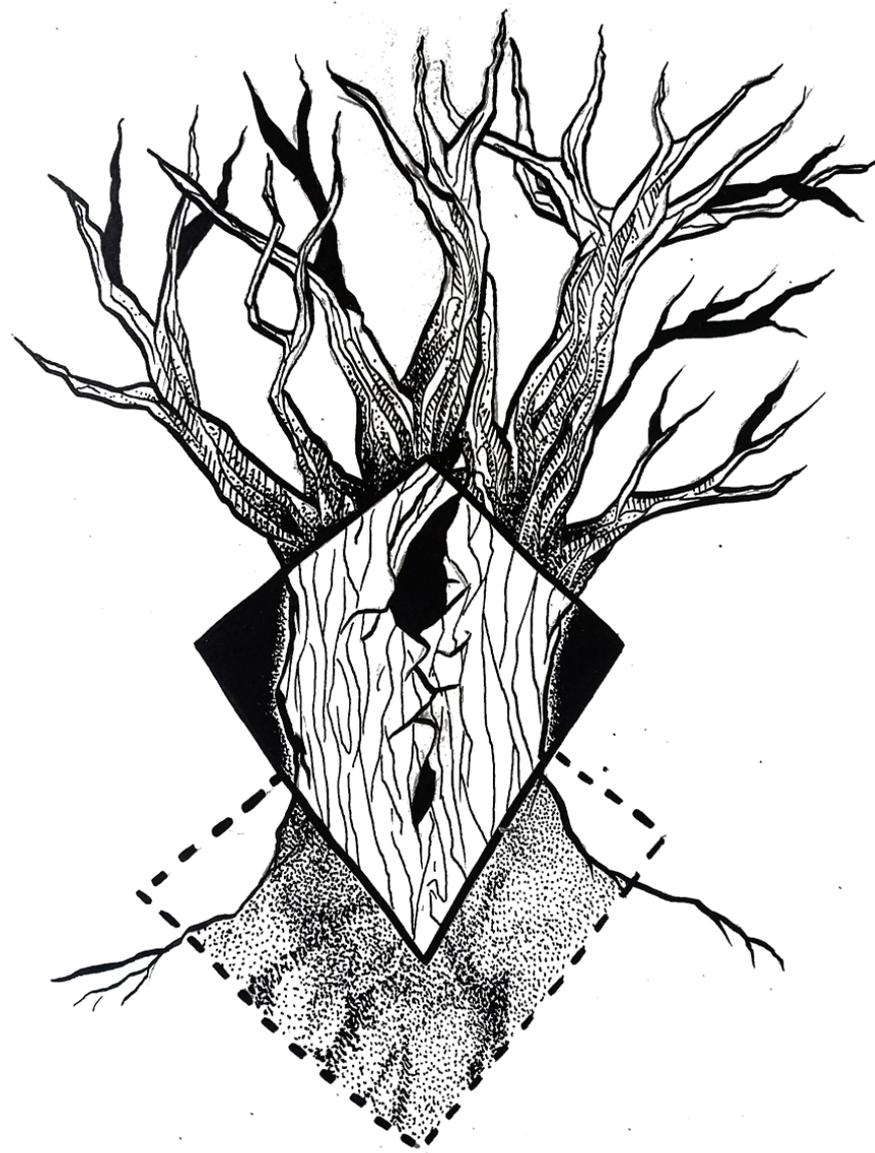
O amor gasta  
ilharga, rumo  
porque inventa  
de novo, amor.  
Suor, fruto  
rosto nítido  
paira um ritmo  
na gruta, silêncio.

Mas se o amor gasta  
temerosos, teus receios  
e se o amor cria o dia  
de chegarmos numa praça  
em que fumo feito  
o amor desfolhe  
nicotina amarelando  
os batentes das portas  
o outono  
também pode entrar, amor.  
Amor pode pôr altifalantes  
não adianta, não avisam  
o caminho, a enxurrada. Bicicleta.

Mas se bem amadurece  
água com açúcar, dá papaia  
e o amor no máximo gasta  
cáries nos dentes dos miúdos.  
Sabe bem, alisar demais  
nunca fez gastar o viço  
nem dos pelos  
do gato que te ofertou no Natal  
e em seu salto matutino  
sobre nossos corpos  
desconhece o puído da vida.

O amor nos lambe áspero  
constrói-nos olhos, digo  
para ver pontes o amor

abre as portas. Cria.  
O imaginário é meu armário.  
Onde encontro os potes de massa  
ao redor das pilhas enferrujando  
na caixa de sapatos  
junto das fotografias  
enrolado numa manta  
o amor, raro. O amor  
tira o cavalo da naftalina  
gira e grita  
grita e guia.



# Ben-Hur Demeneck

## 1. OS SATÉLITES

Além da edição de março, dois outros objetos voadores foram identificados na órbita do **RelevO**: a newsletter Enclave, que chega a seu número 31, e o especial “Escritoras da Geração Beat”. Ou seja, a crise criativa passa longe daqui. Sem contar as atividades que surgem por iniciativa ou por inspiração do periódico, como oficinas e saraus. **RelevO** está deixando de ser um jornal para virar uma “joint-venture” que divulga o WikiLeaks.

## 2. NÚMEROS

Em 2016, o jornal publicou 25 páginas de poesia e 14 de literatura em prosa. Comparando com janeiro e fevereiro, a edição de março teve 35% menos poesia e o dobro de anúncios de página inteira. Os gêneros mais estáveis (e os menos presentes) seguem sendo a crítica literária e o humor, que recebem, respectivamente, uma e duas páginas só para eles.

## 3. OMBUDSMAN BOM

Falta fazer uma consulta aos ombudsmen na Suécia, na Noruega e na Dinamarca. Diante do impulso da globalização em transformar tudo em espetáculo, tudo em mercadoria, talvez mesmo por lá ser “representante dos leitores” seja uma causa perdida, seja também considerado algo semelhante a espetar um tridente em colaboradores e concorrentes. Para resumir a recepção da ouvidoria na “República de Curitiba”: a cada coluna que publicamos, alguém pede para pregar nossa cabeça numa estaca.

## 4. LEITOR CONSUMIDOR?

Dando mais um motivo para pedirem minha cabeça: não concordo que assinante cobre uma regularidade típica de grande imprensa para

o **RelevO**. É quando faço duas perguntas: A edição não chegou até a primeira semana do mês? O conteúdo do jornal lhe decepcionou depois que chegou? Só vejo motivos para o assinante reclamar aos editores quando as duas respostas forem “sim”. Imprensa alternativa já faz muito em circular. Perdão pela franqueza.

## 5. ISSN, A LENDA

Há quem idealize a volta da Colônia Cecília. Há quem fantasie com a utopia medieval do “País de Cocanha”, pintada em tela por Pieter Bruegel. Lá, o vinho jamais terminava, ninguém envelhecia e tudo era de graça – sexo, doces e refeições sem glúten. Eu, entretanto, não tenho tantas ambições. Meu sonho é bem singelo, prático. Ele é quase patético – eu só quero que o **RelevO** tenha um ISSN!

Afinal, se até o Charlie Hebdo tem um código de identificação – logo uma publicação que se arrisca por ignorar as convenções –, por que nós, “os diferentes”, não podemos ter? É só para dizer que somos alternativos ao mundo dos adultos? Que traumas cultivamos contra os bibliotecários e arquivistas para dificultar tanto o seu trabalho? Devido ao fato de eu já ter entrado na fila três vezes para cobrar o ISSN, eu mesmo me disponho a dar entrada na papelada. É só me passarem a procuração – juro que essa será a penúltima vez que vou cobrar.

## 6. PRECISA-SE DE CRÍTICOS

Nós precisamos de você, crítico literário inédito, no **RelevO**. Para começar, procure estar habilitado para descrever, comparar e interpretar sua leitura. Se você já faz isso, compartilhe conosco seus artigos. Se você souber relacionar publicações ao ambiente cultural em que elas surgem, saia da inércia: o Brasil precisa de você. É sério mesmo.

## 7. A RECUSA

Os desaforos mais típicos contra a redação (comentam os editores) surgem diante do adiamento ou recusa de publicação. Caro e sensato leitor, conte para todos como você reagiria numa situação típica às vésperas da publicação – ter 30 poemas para dividir em 8 páginas e dispor de outros 15 contos para encaixar em 6 páginas? Resolva esse teorema. Você tem um mês para dar a resposta.

## 8. BARRIL DE PÓLVORA

Por ser uma questão delicada, aviso que não estou dando recado a ninguém e nem endossando a crítica originária de setor limitado dos leitores. De um lado, um dos editores explica que desde 2014 o jornal tem forçado a mão para equilibrar a representatividade de mulheres neste tabloide. Ou seja, se um editor tiver de escolher seis poesias para publicar, tenderá a escolher aquelas que considera as três melhores escritas por homens e outras três que sejam assinadas por mulheres. De outro lado, alguns leitores homens têm reclamado com frequência do nível de poesias criadas por mulheres. Alguns deles acrescentam que haviam enviado material, mas acabaram preteridos por conteúdos que julgavam menos interessantes.

Questões estéticas à parte, que sempre merecem discussão, devemos evitar tentativas de desqualificação de pontos de vista legítimos – e que pode ser o caso. Diante de tais objeções, lançamos duas perguntas: (1) Se as mulheres são mais assíduas na leitura que os homens, segundo indicam as estatísticas de “Retratos da Leitura do Brasil” (Instituto Pró-Livro), por que as leitoras do **RelevO** não estão se queixando das autoras publicadas? (2) Será que homens ilustrados

(assim como eu) têm problemas em reconhecer que há uma “perspectiva feminina”, igualmente importante tanto quanto é a nossa? Em outras palavras: Seja lá o que signifiquem “perspectiva masculina”, “perspectiva feminina” e “perspectivas etc”, é fato que há nuances entre os gêneros e que cada um deles merece visibilidade.

## 9. SERVIÇO?

A constelação de atividades e de publicações do **RelevO** favorece a emergência de uma “agenda cultural” que nos conte onde é que o Paraná está mais literário mês a mês. Não seria tal localismo que desacreditaria nosso título de publicação nacional. Pelo contrário, pois todo jornal possui o seu entorno imediato – é claro que ninguém aqui defenderia aquele provincianismo característico dos jornalões paulistanos, onde jornalistas costumam ficar com saudades de São Paulo quando saem do “centro expandido”. Em nosso caso, convenhamos: Curitiba já merece o reconhecimento de metrópole literária – mesmo contra a nossa vontade.

## 10. FORMA COMO CONTEÚDO

Para descomemorar tamanha fragmentação do conhecimento de nossa era digital, também fatiei minhas colaborações em várias lâminas de presunto. Desejo aos convivas uma boa digestão dos frios.

## 11. A PENÚLTIMA

Tal como o boêmio em mesa de bar solicitando sua “penúltima”, anuncio à roda de conversa que escrevo minha “penúltima”. Depois de um ombudsmenato e de sua prorrogação, minhas críticas findam na edição de maio. Depois, o **RelevO** só terá notícias minhas a partir dos sinais enviados por minha caneleira eletrônica.

(41) 3552-5895 (41) 3552-1542



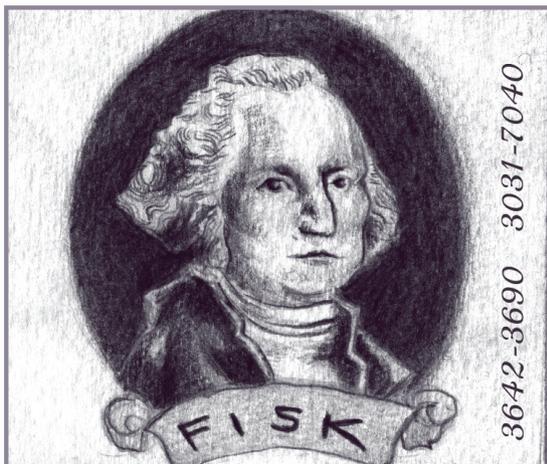
CONTATO@KOTTER.COM.BR (41) 3585-5161



PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO ARAUCÁRIA-PR

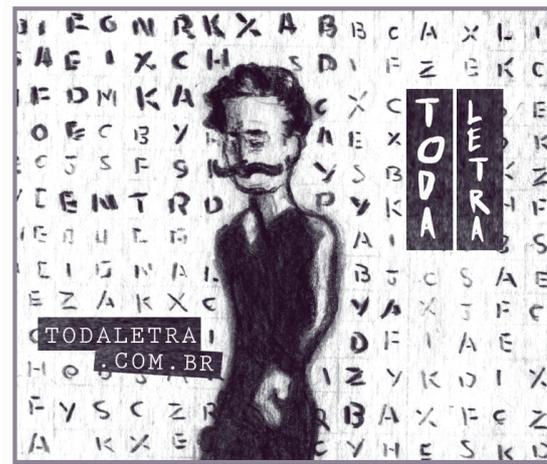


Luiz Otávio Prendin Costa



3642-3690 3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 3 anos de atividades, contando com mais de 230 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando [www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br) e [facebook.com/penaluxpenalux](https://facebook.com/penaluxpenalux).

Para envio de originais: [originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)

Aqui, a escrita não é só um braço. É o corpo inteiro.

Esc. Escola de Escrita. 41 3114-7100; contato@escoladeescrita.com.br; escoladeescrita.com.br

APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO  
E-PARANÁ AM 630 | DOMINGO - 13H



(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532  
ARAUCÁRIA PR | (41) 3643-4881



Luiz Otávio Prendin Costa

**Maidan**

Maïдан

Juscilino Neco  
Pietro Luzzi  
Rogério Sponholz  
Pyscho Vieira  
Robson Sábio  
Erickson Cruz  
Bert-Hu Dorneneck  
Elias Lascoski  
Marcelo Mora  
Ulrico Machado  
Camila Esteves  
Dinho Lascoski  
Ismael de Freitas

Zine brasileiro indicado ao "Prix de la BD alternative 2016" do Festival d'Angoulême. É editado em Ponta Grossa (PR) pelo @clubedehumor.



LIVROS | VINIS  
**JOAQUIM LIVRARIA & SEBO**  
RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

**KOTTER**  
E D I T O R I A L

VICTOR HUGO TUREZO

do livro inédito 'minha massa encefálica  
despenca como se de um desfiladeiro'

meu corpo é uma cordilheira cretina e reacionária  
duas placas tectônicas que regressam do encontro  
um avião voando a oitenta mil pés sem o teto  
a estrutura de um prédio em decomposição  
um pedaço enorme de terra urrando por reforma agrária  
crise hídrica nas zonas industriais do peito  
um pássaro com duas pedras cravadas na asa direita  
cinco mendigos pedindo esmola na pedro ivo  
chacina numa tarde de verão na monsenhor celso  
hecatombe de sóis envelhecidos  
cardume que se perde dentro duma cachalote  
um funeral de artistas de rua  
irène jacob fumando um cigarro em a dupla vida de véronique  
deleuze sentado discutindo com foucault numa sauna  
a possibilidade do suicídio na lituânia  
três tristes tigres devorando guillermo cabrera infante  
a disposição histórica em destruir amores silenciosos  
uma fronteira de dez mil quilômetros entre a minha  
incapacidade de compreender silogismos e a sua maneira  
de interpretar o existencialismo em kierkegaard.



RICO

# Locação

Aluga-se casa na Rua das Camélias, na Campina da Barra.  
Com 2 quartos, sendo uma suíte, semimobiliada.

Exige-se silêncio, sem bagunça, som alto, churrasco,  
festa, convidados, visitas, sexo barulhento. Sem roupas  
escandalosas no varal. Tratar: (41) 3642-XXX com Cláudio  
apenas durante o dia.

ANA RÜSCHE

# lugar-comum 36: maquiagem

poema integrante de **Furiosa** (2016), livro que celebra dez anos de produção poética da autora

poesia se limita a melancolia  
dominós fatalmente errados  
reservatório de glitter e  
monstruosidades

alunizando algo entre  
punk pônei da meia-noite  
perigótica do meio-dia

a porra da pena é minha  
é de lua, é de sangue  
meus rostos minha regra  
um borrão de sol  
delineia minha sina

# CLASSIFICADOS **RELEVO**

Loja de haicais. Na compra de duas estações, o cliente ganha um papagaio que repete apenas os temas dos haicais.

Vende-se poemas inéditos, escritos no Largo da Ordem numa noite de luar. Troco por Velho Barreiro.

Rehab de escritores experimentalistas. Cada um traz a sua bebida.

Troco carro por um escritor não medíocre com vaidade controlada.

Procuro editora que revise os livros antes de publicar.

MINDSET EMPREENDEDOR:  
Quem acredita sempre alcança.

Colaboro com jornais que não remuneram seus colaboradores.

aceito amor. amor como quem nunca amou. amor que desça suave e reanime. amor. elefantes. trovão. água de coco. escherichia coli.

Este jornal não segue o novo Acordo Ortográfico, pois sequer seguia o antigo. Quem define se limita.

Qualquer coisa, a culpa é do revisor.

# A Dama do Reflexo

## Pontiagudo ou Introdução a um Thriller Ribeirinho

VINICIUS ALVES DO AMARAL

Bebida. Conversa. Família. Na verdade, quase toda. Bernardo não sai da Vivenda do Lago. Dilsinho dá a ideia: pique-esconde. Na água, ela completa.

Pobre de Rita que desconhece o rio. Mais pobre ainda do irmão que foi levado pelo tronco-jacaré. A lapada da cauda do bicho machucou, mas ela vai sobreviver.

Só se sabe quantos dentes tem a boca do rio quando é tarde demais, minha filha. Nem a boneca nova ajudou: o tempo continua desbotado.

Bebida. Conversa. Família. Bernardo estranha. Logo quando todos estão reunidos, a prosa fica rasteira? Contam sobre o menino, mas ele fica olhando a prainha. Foi na prainha que ela fez as pazes com o rio.

Minha filha, esse aqui é o seu tio sumido. Não fossem os olhos vermelhos, seria apenas mais um. Papai vai ter de substituir o tio Maneco que se machucou. Eu vou para Tefé, mas tio Bernardo vai tomar conta de vocês. No mesmo dia, a mãe guardou um terçado atrás do sofá.

Uma vez por dia ele saía. Voltava com paca e cutia. Tirava a pele da caça no alto do barranco. Dormia na sala e elas no quarto, debaixo o mosquiteiro.

Nada de ficar desenhando no chão da sala! Por quê? Sempre fez isso. Vai usar só essas roupas aqui, ouviu? São muito largas. E nem pense em entrar sozinha no mato.

No terceiro dia, mãe preparou o peixe. Pai estava para chegar. Meio-dia e nada do barco dele. Rita tirou as roupas do varal e sentiu o convite do rio. Banho antes do almoço não faz mal mesmo.

A camiseta molhada esculpe seus contornos de quase-mulher. Ouviu alguma coisa. Uma garça decolou. No alto do barranco, lá estava ele. Sem paca, nem cutia. Só olhos vermelhos. Que momento chato!

Retorna para casa. Deita no sofá. Mãe deve estar lá fora estendendo mais roupa no varal. O peixe está cheirando. Mas ele não veio pelo peixe. Pobre de Rita que desconhece seu tio.

A vista estava embaçada ainda pela água, mas reconhece aquela

sombra sobre si. Grita o quanto pode. Na luta, um dos pulsos se soltou. Desesperada, a mão encontrou algo. Um reflexo pontiagudo e um gemido abafado. A mãe chega.

Não houve uma pergunta sequer. Ela apenas escondeu a lâmina e enxugou o rosto da filha. Com as pedras que pegou pelo caminho, mãe recheou o saco-caixão antes de costurá-lo. A boca do rio comeu os olhos vermelhos.

A história podia parar aqui, mas ela continua algum tempo depois numa das muitas ruas mal iluminadas de Manaus. Ela desce do ônibus e segue o caminho para casa. A aula na faculdade não foi muito boa. Os amigos só falam nos assassinatos do último final de semana. A mochila pesa demais: é o “presente” da mãe. Leva sempre, mas não o amola muito. Há alguma movimentação nas sombras. Ei, gatinha, passou da hora do toque de recolher tem que pagar pedágio, em! Pobre do rapaz que desconhece Rita...

# Plano B

MARÍLIA GARCIA

hola, spleen, disse. nos cruzamos em  
 uma lagoa de atol. sentada no banco de trás  
 olhava pelo vidro azul cobalto  
 a 3000 quilômetros do ponto em  
 que o deixara.

hola, spleen, disse. você ainda vai me ver  
 três vezes antes do fim. uma linha esconde  
 outra linha, a voz esconde o que pré-  
 existe entre os dois. pensava na carta sem remetente  
 em alguma maneira de dizer pensava nas  
 esculturas sonoras (não havia  
 um plano c? para onde  
 seguia)

era como descobrir o sulco  
 fechado de um disco e ficar  
 rodando no loop daquela melodia  
 circular. precisa de uma língua  
 que defina isso

hola, spleen, disse.  
 mas não falava da latitude  
 no mapa, eram peixes  
 no fundo do oceano com a cartilagem  
 luminosa derretendo nos olhos  
 e a única preocupação quando  
 entrou era o som por detrás da voz dela:  
 saber se está triste há um ano  
 ou há 24 horas.

(na volta, passa a colecionar  
 objetos. a vingança começa num  
 aquário:

é como furar a realidade  
 com a realidade, ele dizia, ficar no quarto  
 medindo o nível do mar  
 para descobrir onde pôr  
 os peixes)

LILIAN AQUINO

# Um ou mais tempos

O teu rosto  
agridoce  
é jardim-de-inverno  
no meu apartamento  
é bala de canela

Na varanda  
enquanto fuma  
cigarros de cravo  
está em pé  
e cultiva cravos brancos  
nas pontas dos dedos

– para aliviar o hálito  
desfolha o plástico  
da bala  
a bochecha infla  
com a esfera vermelha –

O teu rosto  
jardineiro  
madressilva-cacto  
é onde passeio em dias  
de sol.

–  
pai,  
meu pão de cada dia  
eu não como  
faz tempo  
mesmo que  
eu viva  
a perdoar  
ofensas, dívidas  
– é esta  
talvez a tentação  
em que caio  
toda vez.



MARCELO WILINSKI

elísio pereira alves filho  
lembranças de para-brisas  
para-rachados  
mortes na curva

olho pelo vidro  
a cada 5 minutos  
para ver a pista contrária  
os gastrocnêmios rígidos  
a sola pressionando o solo  
petrolífero

e olho novamente  
e se algum distraído se distrai  
e perde o controle  
homicídio culposo

e, como uma luz divina  
a placa no alto avisa  
pedágio a 1km

relaxa a musculatura  
solta o trapézio  
um alívio  
tirou das costas um mundo  
um mastodonte  
um pneu de caminhão  
é curitiba no horizonte

# moletom (uma despedida)

JOANA LEUENROTH HIME



na mala arrumada  
a memória do nome  
agasalha o retrato

um moletom entardecido  
aconchega-se árido  
nas lãs moles talhadas  
cujas gravuras adormecem  
crispadas do tempo

a manhã acolchoada  
alinha os fios fugidos  
do tecido ido  
escapulindo o doce ardil  
do escuro dia

uma camiseta esquecida  
desabotoa as sobras  
dos verões arrepiados de frios  
recobrimdo mãos  
que outrora aqueciam invernos  
das vilezas  
que cobrem o manto  
da vila dos amados

uma manta aperta  
delicadamente  
os espaços da mala puída  
removendo passados  
afogados de hoje

um carinho anoitecido  
acasala o casario da dor  
pequenices amortecem  
esses velhos montinhos

novinha em folha verde  
deu uma volta em cada nota  
que mais parecia uma anedota  
talvez nunca existiu  
e seu melhor se esvaiu  
deitando-se  
num solo vazio

# Tentativa de esgotamento do motivo das brochadas masculinas

Mau hálito; chulé; perfume; fedor na xoxota; fedor no bumbum; seios murchos; seios caolhos; bunda murcha; bunda flácida; bunda caída; bunda grande demais; excesso de pentelhos; pouco pentelho; cabelo debaixo do braço; cabelo no bico do peito; excesso de álcool; ansiedade; obrigação; pensar na mãe; pensar na ex; amorismo; demorar para achar a camisinha; mulher que fala “não” para tudo; mulher que não quer te chupar; excesso de trabalho; amor demais; já ter transado com a mesma mulher muitas vezes; já ter transado com a mesma mulher muitas vezes no mesmo dia; ouvir a música que ouvia com a ex; pinto esfolado; mulher que não

sabe chupar direito; mulher que te bate demais; mulher que te arranha demais; trair a mulher que ama; camisinha apertada; ter se masturbado antes; dor de barriga; quando apaixonado, a primeira vez com a mulher; a primeira vez com alguma mulher; preliminares demais; ter brochado antes com a mesma mulher; ter brochado antes com outra mulher; mulher importante demais; mulher mandona demais; mulher que ganha mais dinheiro que o homem; mulher menstruada; dar um apelido ao pênis que o homem não gosta; quando descobre que a mulher é virgem e ele só queria dar uma rapidinha; arrependimento; melancolia; depressão; tudo isso junto.

# Tentativa de esgotamento do motivo das brochadas femininas

Mau hálito; fedor; pinto fedido; chulé; pinto pequeno demais; pinto grande demais; pinto meia bomba; muito pentelho; pouco cabelo; muito cabelo; carência; estupidez; carinho demais; zelo demais; falta de criatividade; desconhecimento do corpo feminino; egoísmo; narcisismo; não ligar no dia seguinte; sentir perfume de outra; ser chamada por outro nome; homem que não quer te beijar depois de feito sexo oral nele; homem que não faz sexo oral; homem que esquece totalmente dos seios; erros de português nas mensagens; cueca furada; dar apelido à vagina; homem que dispara a rir no meio do sexo; homem que dispara a chorar no meio do sexo; homem que troca toda hora de posição; cueca com

‘freio’; cueca relaxada; homem que não te envolve sentimentalmente; homem que fica se olhando demais no espelho; beijinho sem volúpia; falar da mãe; falar da ex; homem que solta pum na hora; homem que fala igual a neném; homem que chama de puta, putinha, vadia; homem que não xinga; homem que bate forte demais; homem que não bate; excesso de cuidado; ouvir choro do seu filho; filho batendo na porta; homem gozar na cara; homem que goza, levanta e vai embora; muita perversão; pouca perversão; homem que goza rápido demais; homem que demora demais; homem que só fala de outras mulheres; homem muito insistente; machismo; ficar insistindo para tirar foto e filmar; nada disso.

## Eu

Antes de tudo, tenho que fazer uma confissão: nunca brochei. (Nem eu nem o famigerado Ziraldo!) Nunquinha! Mas uma retificação, infelizmente, deve ser feita: eu nunca brochei comigo mesmo. Sim. Claro. Eu, vivendo o rico imaginário das minhas coleções de imagens, sonhos, desejos e idealizações fantásticas nunca deixei de dar no couro apenas virtualmente falando. Assim, diante de musas (nem sempre tão belas), exposto a

cheiros (de que tanto temos lutado para nos livrar), alcoolizado, ansioso, alucinado, vendo neuroticamente minha mãe me censurando, idealizando um amor inter, sanguis, urinas et faeces, e também por outras loucuras mais tenho muito orgulho em admitir que sim, já brochei. Foram várias vezes! E me lembro de todas. Sigo vivendo a angústia dessa sensação dúbia do desejo da conquista e do medo do fracasso.

JACQUES FUX

trecho de Brochadas (Ed. Rocco, 2016)

# A fusão na ladeira do Operários DUB

DA REDAÇÃO

O vocalista PH Soares, de 25 anos, é enfático: “A nossa música é diferente”. Um samba do crioulo doido na periferia, o Operários DUB tem uma linguagem rápida, sem fronteiras, do rap ao pop, do surfe rock ao funk, do reggae ao baião, tudo numa pegada só: “Fugimos da tendência ao uniforme”, define.

A banda, surgida em novembro de 2013, passou a ter esse nome a partir de um dia em que Cleverton Antoniacomi, o Possa, antigo baterista da banda, chegou a um ensaio com um capacete de operário. De fato, a musicalidade do grupo impressiona pela linguagem vigorosa, de subúrbio, como em “Sua Prece”. Ela é capaz também de transitar por um certo ar litorâneo sem abdicar de um tom mais crítico, quase universalista. “Nós agradamos a mãe e o filho”, completa Soares.

Atualmente, o Operários DUB é formado por Dyan Lohan (guitarra e backvocal), Teklaus (teclado), Fabio Farina (contrabaixo), Welton do Amaral (guitarra e backvocal), Christian Becker (bateria), e Paulo Henrique Soares (vocalista). Para Welton, 23, o som produzido pela banda transmite um sentimento de honestidade musical. “Quem ouve uma música nossa já consegue sacar a nossa vibe: é energia, é contagiante, é fazer o público sentir que ali, em cima do palco, estamos entregando tudo o que conseguimos em matéria de musicalidade”.

Todos os membros da banda compõem e colocam para ensaiar ideias que remetem a um mundo definido pelos integrantes como vibe positiva. Dyan, 22, reconhece, contudo, as dificuldades de solidificar carreira com música própria. “É muito complicado viver de música autoral. A cidade ainda é muito fechada e a galera ainda vai atrás do que vem de São Paulo e Rio de Janeiro. Por outro lado, há quem aposte nos novos artistas, como o Bardo Tatára, com sua Segunda Autoral, e patrocinadores como a Cobra D’Água, ambos essenciais para conseguirmos nos estruturar. O público, geralmente muito crítico, também serve como parâmetro, treino, bagagem”, avalia.

Apresentando-se regularmente na Segunda Autoral do Bardo Tatára, a Operários DUB tem planejamento para lançar seu primeiro disco em meados de abril de 2016. Soares acredita que, quanto mais espaços se propuserem a experimentar música própria de qualidade, mais a música curitibana se fortalece e se torna propícia ao surgimento de bons trabalhos. “A Segunda Autoral, por exemplo, é uma escola pra gente, onde tudo o que somos começou. A partir dali, conseguimos conhecer muitos músicos, desenvolver relações de trabalho. Conhecemos nosso atual empresário por lá”, enfatiza.

Em abril, a banda também lançará dois vídeos.



<[facebook.com/Operários-DUB-1467927783449236](https://facebook.com/Operários-DUB-1467927783449236)>

<[soundcloud.com/oper-rios-dub](https://soundcloud.com/oper-rios-dub)>

<[operariosdub@gmail.com](mailto:operariosdub@gmail.com)>

Assista ao clipe da música Sua Prece:

<[youtube.com/watch?v=XA2P1lPiHG4](https://youtube.com/watch?v=XA2P1lPiHG4)>



# A psicotropia acústica de Ni Salles e Rafael Mello

DA REDAÇÃO

Nascida em Francisco Beltrão, Ni Salles começou a cantar no coral da pré-escola do Colégio Adventista do Boqueirão, em Curitiba, onde passou a morar a partir de um ano. Também estudou no Colégio da Polícia Militar, fazendo participações no coral do CPMPR e nas solenidades da PM e do Corpo de Bombeiros. “Eu cantei todos os hinos, da Bandeira à República”. Já aos 14 anos, se apresentava (não



oficialmente) no antigo Original Bar, na Westphalen. “Foi lá onde entendi como funciona a vida de músico. Cantar é mais do que simplesmente dizer uma sequência de palavras. É interpretação, é coração”, diz.

Ni Salles começou a se apresentar mais regularmente nos bares de Curitiba a partir de 2011. A compositora tem mais de 70 músicas registradas, algumas já integrantes do imaginário musical da Segunda Autoral, onde se apresenta regularmente, como “Anfetaminada” e “De Pernas pro Ar”, sempre ao lado de Rafael Mello. No projeto idealizado pelo músico e compositor João Gilberto Tatára, proprietário do Bardo Tatára, no Água Verde, ela

interpreta canções marcadas pelo rock, blues e MPB. “Reparo que aparece a palavra louca em diversas das minhas composições, assim como algumas temáticas relacionadas à alucinação”, diz a cantora.

O curitibano Rafael Mello, seu companheiro de palco e de vida, começou a carreira tocando guitarra, há dez anos. Antes, uma pequena passagem pelo violão. “Fiz apenas três meses de aula, partindo, depois, para o autodidatismo mesmo”, afirma. A parceria entre Ni e Rafael se consolidou no Bardo Tatára, no fim de 2011. No repertório da dupla, Amy Winehouse, CCR, The Beatles, Rita Lee, Janis Joplin, Raul Seixas, The Doors, Queen e Elis Regina. “O Tatára foi fundamental. Ele é como

um segundo pai, importantíssimo no processo de consolidação do nosso trabalho. Ele é uma espécie de psicólogo, mentor, nos dá segurança e, principalmente, espaço para desenvolvermos nossa música”, alega Rafael.

Para músicos com carreira em desenvolvimento, a música autoral é turnê de força. “Estamos, aos poucos, consolidando uma agenda e aprendendo como caminhar no circuito. No começo, quando estávamos ‘abrindo’ lugares, tocar três horas seguidas era difícil. Atualmente, contamos com algumas vantagens, como já ter tocado em lugares mais prestigiados, o tempo de afinidade da parceria e ter recebido muitos

feedbacks positivos. Isso vai facilitando a entrada em novos locais e possibilitando, aos poucos, viver de música”, define Mello.

O último projeto da dupla é o Bela Coragem, parceria com o escritor Felipe Belão, autor de “No Lugar do Meu Pai, Eu”. O projeto reúne músicos de diferentes vertentes para tocar rock, principalmente Led Zeppelin, com elementos da música brasileira. Além de Ni e Rafael, o grupo também conta com Vinícius Vianna (baixo) e Shardie Casagrande (bateria). A primeira apresentação aconteceu em 11 de março, no Auditório Brasília Itiberê, em Curitiba. O espetáculo, dividido em dois atos, contou com a participação de Tatára.

“Curitiba tem muito espaço para a música autoral de qualidade. É pegar



o carro e o violão, ir de bar em bar, apresentar o próprio trabalho”, completa Ni. Em abril, a dupla se apresentará 17 vezes.

[facebook.com/nisalles](https://facebook.com/nisalles)

[facebook.com/rafael.mello](https://facebook.com/rafael.mello)

[soundcloud.com/ni-salles](https://soundcloud.com/ni-salles)

[youtube.com/user/niisalles](https://youtube.com/user/niisalles)



# A Leprosa

VICTORIA BALDANI MIRANDA

A pele se solta e cai  
Como os lenços das damas de outrora:  
Ninguém a apanha.

Meus pés, carne de sol esburacada  
Erupção, e meus pulsos,  
pétalas de papier-maché

Voando pela brisa de Hiroshima.  
-- A guerra acabou e nós vencemos,  
disse a criança. Nós vencemos?

(A guerra nunca acaba na fronteira)

E eu, feita pra vencer.  
Prodígio -  
recolhida à quarentena

nervos expostos, elétrica, eu  
me arrasto. Te suplico uma moeda  
faixas me envolvem, braços de amantes

Da silhueta vazia  
Corroída pelo bacilo  
eu te enojo?

E quando o Homem chama  
deixo a caverna  
Pois amei e odiei em carne viva.



# Mortes nas letras

Ademir Demarchi

Ao que tudo indica, o Paraná, que sempre esteve para o crime próprio das lutas de classes, de lutas por propriedade de terra e sanguinolências urbanas, dadas suas características, agora está para o relato policial, fazendo mais barulho que gralha azul. Um exemplo deles é *O Trovador*, de Rodrigo Garcia Lopes, inspirado na formação de Londrina, escrito com rigor e pesquisa histórica e ambicionando ser muito mais que um romance policial, sendo leitura obrigatória, mas que comentarei em outra ocasião. Interessa-me, neste momento, *O assassino que mutilava Leminski*, romance leve, ambientado em Curitiba, escrito por Anísio Homem, que, por ser menos ambicioso que aquele, tem um tom brincalhão, a começar pelo jogo feito com a poesia de Leminski. Anísio cria um detetive de origem polonesa, repórter aposentado e amante de romances policiais que ecoa todos os detetives dos conhecidos romances de crime que infestam as prateleiras das livrarias. Seu modelo preferido, porém, é o inspetor Montalbano, criado pelo italiano Andrea Camilleri, que é um “bon vivant” na Sicília, mais preocupado com os quitutes de peixes e frutos do mar que possa devorar que com os numerosos cadáveres produzidos pela máfia. Assim, o ora nascituro detetive paranaense Igor Makoviec procura ser um Montalbano dos pinheirais e alterna idas aos restaurantes típicos do submundo curitibano com investigações estapafúrdias, mais engraçadas que críveis. Uma das evidências em duas cenas de crime, a apontar o assassino, são marcas iguais de pneus de motocicleta. Seria crível se estivéssemos lá na Londrina de Garcia Lopes, pisando chão de terra, porém, estamos em plena cidade recoberta de asfalto, daí a acreditar que possamos distinguir alguma marca de pneu nesses asfaltos,

somente fazendo um pacto com a ficção. E é aí que reside a graça desse detetive que tem tudo para ser um trapalhão, como se comprova ao se meter com o assassino num ambiente completamente propício para ser morto, como o Bosque Polonês. Tal como em Camilleri, ainda que os crimes sejam desvendados, isso é o que menos importa, pois falam mais alto personagens, lugares, conversas fiadas em busca de pistas, relacionamentos e até um bicho de estimação, como também em Edgar Allan Poe. Ele, como escritor, assim como o conto policial, surgiram com a constituição mesma do capitalismo, com a formação das cidades e seus grandes aglomerados urbanos em que os homens se confundem na multidão, praticam crimes e tentam se safar da culpabilização tentada pela sociedade. Havendo crime, logo haverá investigador, jornalista e uma gama de curiosos. Poe é, aliás, inspirador de outra novela de Anísio, *O homem que não podia se mover*, que tematiza justamente como funciona esse sistema capitalista pródigo em produzir cadáveres. Nela, o homem imóvel é o presidente norte-americano, transformado numa espécie de múmia para que o jogo financeiro se dê a contento, como uma banca de cassino. Poe entra com o relato *Os crimes da Rua Morgue*, por sua clássica descrição sobre como se comportam os jogadores de poker, transposto por Anísio para a economia mundial, vista como banca de jogo ordenada não pela política, mas pela irracionalidade, essa mesma que produz cadáveres e gera detetives e escritores de novelas policiais. Por isso, é certo que Makoviec em breve voltará em nova estória, como constância desse gênero e da sociedade de ficar produzindo assassinos e crimes que nós queremos saber quem foi e como se deu.

# Belle Époque – Celso Borges e a brevidade pictórica

Daniel Osiecki

Quando iniciei esta coluna, em 2013, tinha o objetivo de resenhar escritores curitibanos que não fossem tão reconhecidos pela grande mídia. Por isso, *Terra Incógnita*. Porém, aos poucos fui abrangendo meu corpus de pesquisa para escritores igualmente não canônicos de outras paragens, desde São Luís do Maranhão a Portugal; do interior de Minas a Maputo.

Meu primeiro contato com um escritor maranhense se deu no Ensino Médio, quando li (escondido!) o *Poema Sujo*, de Ferreira Gullar. Que revelação naquele momento. Depois Aluísio Azevedo, o grande poeta José Chagas, Bandeira Tribuzi, até o Sarney (coisa da qual não me orgulho!).

Mais recentemente, tive contato, através do grande amigo e doutorando em filosofia pela UFPR, Anderson Bogéa (natural de São Luís), com alguns poetas do grupo Pitomba, revista literária de uma relevância ímpar e também selo editorial. Numa das viagens de Anderson a São Luís, ele me perguntou se queria algo de sua terra natal. Disse para trazer algo típico de lá. Me trouxe uma lata de Guaraná Jesus e um exemplar da revista homônima, um belo exemplar com poemas, contos e colagens ao estilo de um Valêncio Xavier. Destaco três autores: Bruno Azevêdo, Reuben da Cunha Rocha e Celso Borges.

Todos têm seus trabalhos próprios publicados separadamente. Bruno Azevêdo tem um belo livro intitulado *O monstro Souza*, Reuben da Cunha Rocha – seu pseudônimo é Cavalodada – publicou +*Realidades*

*Q canais de TV*, e Celso Borges é prolífico na poesia e na música.

Celso Borges nasceu em São Luís. É autor de obras de poesia, entre eles os livros *CD XXI* (2000), *Música* (2006) e *Belle Époque* (2010), com participação de mais de 50 poetas e compositores de várias cidades brasileiras. Tem parceria com Zeca Baleiro, Fagner, Chico César, Nosly, Gerson da Conceição, entre outros. Publicou a peça *Rimbaudemonio: traições, colagens e iluminações no inferno* (2014).

*Belle Époque* segue as características experimentais dos trabalhos que Borges desenvolve na Revista Pitomba, ou seja, nada de versos tradicionais, retos, caretas. Nota-se um cuidado especial com a imagem durante todo o livro. Seu formato remete àqueles álbuns de vernissage. Em seus versos, aliados a cores, ora fortes, ora obscuras, há claras alusões à desumanização, à banalização da violência, da sexualidade e tabus cotidianos há muito arraigados na sociedade.

O livro, ao mesmo tempo em que é bastante denso de ideias, é pictórico, e isso já se evidencia nas primeiras páginas, no próprio prefácio (prefácionão) de Reuben da Cunha Rocha. Certos poemas flertam com os barrocos, alguns com os concretistas, outros com os poetas da Geração de 45. Determinados poemas se aproximam muito do estilo de Leminski ao se autoanularem como forma tradicional e se aproximarem do texto publicitário. O leitor deve permanecer atento durante toda leitura, e mesmo assim, uma leitura nunca é suficiente.

EDISON VEIGA

# Receita

poema integrante de  
O Titereiro (Patuá, 2014)



Extrair  
da dobra o nada  
da obra o cada  
do cadaço o ranço.

Depois  
perder tudo.

Perder-se  
agulha na palha  
cachorro louco  
caminhão.

Depois  
prender tudo.

Com um clipe especial  
tamanho GG  
prender: caminhão  
dobra cadaço  
cada obra  
nada ranço  
louco palha  
agulha cão.  
Prender-se  
a chaves, muitas.